

A gangorra de Maluf

Em menos de três meses, o ex-prefeito de São Paulo Paulo Maluf perdeu o *status* de principal adversário do presidente Fernando Henrique Cardoso. No dia 15 de novembro de 1996, quando elegeu Celso Pitta como seu sucessor na capital paulista, Maluf se transformava num perigo iminente para o governo. Inventara um candidato e ganhara facilmente, deixando num distante terceiro lugar o candidato oficial do governo, o senador José Serra (PSDB-SP).

Sua força aumentou mais quando passou a desafiar Fernando Henrique, criticando duramente o projeto de reeleição, que chamou de golpe. Para completar, ainda demonstrou grande vitalidade quando foi descoberto que ele tinha sido internado para retirar um tumor maligno na próstata.

O jogo virou completamente no dia 28. Maluf ligou para todos os deputados do seu partido, o PPB, pedindo que eles dissessem não à proposta da reeleição. Quem ouviu o não foi ele. Dos 89 deputados do PPB, 45 cederam à pressão do governo e traíram Maluf.

O empenho do ex-prefeito não impediu a aprovação do projeto, que atrapalha sua ambição de disputar a sucessão de Fernando Henrique. Pior: acabou sendo o grande derrotado da votação.

“Maluf é muito teimoso. Foi essa

teimosia que o levou a cometer o erro de ficar contra a reeleição. O partido quer fazer parte do governo. Esse erro, agora, poderá causar o encolhimento do PPB. Isso vai depender da atuação dos líderes do PPB, inclusive Maluf”, explica o deputado Pauderney Avelino (PPB-AM), vice-líder do governo e negociador do apoio à reeleição dentro do PPB.

OSTRACISMO

Maluf não foi o único adversário do governo que perdeu prestígio. Do lado do PMDB, o ex-governador de São Paulo Orestes Quércia e o deputado Paes de Andrade (CE), presidente nacional do partido, tiveram seu prestígio chamuscado. Quércia saiu do ostracismo político para aprovar, junto com Paes, dentro da convenção nacional do PMDB, a proposta de se votar uma moção que atrapalhasse o andamento da reeleição.

Por ela, o PMDB só poderia votar à reeleição depois que fosse decidida a eleição para as presidências da Câmara e do Senado — cargos que interessam ao PMDB. Apesar da manobra, 67 dos 99 deputados do PMDB acabaram desobedecendo a instrução e apoiaram o governo.

“Foram as forças ocultas que garantiram essa vitória”, tentou justificar Quércia depois da votação. (MM)